

# CONFERÊNCIA

---

## CONSIDERAÇÕES SOBRE A FUNÇÃO CULTURAL DA HISTÓRIA (1)

---

Meus alunos:

Quando nos pedem os estudantes alguma coisa, eles nos desarmam porque não temos o direito de lhes recusar nada que possa contribuir para o enriquecimento do espírito. O que nos pedem se transforma em ordem e a ordem nos obriga a adiar tudo o mais para atender aos caprichos de sua inteligência. Sabeis que preocupações muito absorventes ocupam o meu tempo, mas com satisfação as aliviei por um instante para arranjar meia dúzia de pretextos para uma conversa em família. Com os alunos meus e com os meus outros alunos. Apenas quero pedir desde logo que não seja uma conversa feminina em que só um fala. Nem uma preleção de cátedra em que só um dogmatiza. Que depois da palestra, ou mesmo durante, sejam formuladas dúvidas que eu tenha por milagre sugerido. Perguntas às quais responderei ou não. Tomara que surjam proposições que me embarquem porque então me será dada a alegria de sentir que meus alunos já pensam adiante de mim, e são capazes de me fazer tropeçar. Darei por bem empregado o meu tempo se ele se alongar em questões e contrações que hão de ser o teste da fecundidade da lição.

Porque êsse tema: "Função cultural da História"? Porque se destina a alunos que serão professores amanhã. História e Educação — eis duas palavras e duas idéias irmãs. O historiador recolhe as experiências coletivas para que não se perca o trabalho do passado que vem se capitalizar nas experiências do presente. O professor difunde as experiências sociais de um passado recente economizando esforço às novas gerações. Um olha o passado à

---

(1). — Palestra pronunciada no Salão Nobre da Faculdade de Filosofia da Universidade de São Paulo, a convite do Departamento Cultural do Grémio de seus alunos, em maio de 1951.

Agradecemos à nossa aluna D. Emília da Costa Nogueira a atenção com que fielmente anotou nosso pensamento e a inteligência com que o ordenou para fins de publicação. E.O.F.

luz do presente, outro olha o futuro à luz do passado. Ambos pagens dos homens, há entre êles um parentesco que os aproxima: são filhos do mesmo espírito de preservação do patrimônio cultural da sociedade. Na inteligência e na sensibilidade, êles guardam as sementes de outra estação para semear no campo das gerações que chegam. Eis onde estudantes de tôdas as secções desta Faculdade podem entender as divagações de quem estuda história.

Não se trata, porém, de uma conferência: apenas uma aula seguida de uma conversa. O mais conversa que puder ser. Que venham as perguntas com espontaneidade como se estivéssemos em casa de paletó de pijama. Mesmo que insinuem que estou errado, sejam elas formuladas com livre espírito de curiosidade e colaboração. Esse é o espírito do nosso Departamento de História: a história não reconhece fronteiras, não é terreno privilegiado para ninguém, nem respeita interdições. Também não é imperialista: incursiona em domínios alheios, mas não os pretende para si. Esse, o espírito da *Sociedade de Estudos Históricos* que, como iguais, acolhe filósofos, geógrafos, sociólogos, literatos, artistas e historiadores. Recusamo-nos a estabelecer diferenciações: são da confraria todos os que se interessam por problemas de história — problemas do homem considerado na coordenada do tempo. Esse ainda o espírito da nossa nova *Revista de História*, em que colaboram todos os que sintonizam conosco, até historiadores. Assim, sem restrições de casta, de uma terra que é de todos, venho apenas trazer uns problemas para a reflexão comum.

Que problemas? Os simples problemas dos que estudam história. Que é o historiador? Que faz êle? Como o faz? E afinal: para que o faz?

*Que é o historiador?* Ao tratar do historiador, tenho que ser breve para que não pareça, nem de leve, que há pretensões a autobiografia. Não seria o caso. Talvez dê a impressão de parcialidade, mas a gente não tem culpa de gostar das coisas que faz com devotamento de espírito.

Normalmente, quando se fala em historiador evoca-se um velho a farejar a poeira dos arquivos, encurvado na leitura de papéis velhos, com mania de coisas de antanho, falando sozinho com homens de outro tempo. Insensível às sugestões da atualidade, desfiando genealogias como solteironas idosas, absorto em heráldica, alinhando batalhas e nomes de príncipes e cidades, somando e subtraindo datas, cultivando miopias na decifração de inscrições lapidares. O historiador há de ser velho, precisa ter pelo menos 60 anos. Quanto mais velho mais historiador: homem do passado a fuçar segredos do passado.

Contra esse envelhecimento do historiador, eu protesto! Nem poeiras, nem miopias. Para ser historiador, historiador da vida, o primeiro requisito: ser um homem do presente. Entre a vida do pas-

sado que busca e a do futuro que ajuda a construir, êle tem que ser antes de tudo homem do seu tempo. Não há de ser um recipiente a recolher ecos das escuras cavernas dos séculos apagados, como rumores incertos de coisas mortas. Êle não é espectro saudosista. Precisa ter a carga de seu tempo. Usar uma linguagem que entendam seus contemporâneos, com o acento decisivo da experiência. Porisso o historiador tem que viver a sua vida, sua vida cotidiana, muito parecida com a de todo o mundo. Embora trate do passado, êle não é um egresso do passado, um fugitivo. Não tem o direito de ter a aristocracia do isolamento, com ares de quem vive uma vida distante, além da vida dos outros mortais. Nem precisa se mumificar para lidar com múmias, nem andar em "tilbury", quando existem "Cadillacs" de rabo-de-peixe. Ele é realidade viva. Há de imergir no seu século e sentir o seu tempo dentro de si mesmo. Ou não compreenderá o que está no passado.

Só podemos ver os episódios do passado comparando-os com os do presente. Só as experiências atuais permitem-nos reconstituir o patrimônio de outras éras. E o presente só podemos entendê-lo vivendo-o intensamente, participando integralmente dêle.

Como exigir que entenda realmente um grande drama da história quem nunca sentiu direta ou indiretamente em si mesmo o doloroso impacto de um drama? E' comparando que o historiador compreende. Pode perceber melhor o que era uma viagem a cavalo de São Paulo ao Rio de Janeiro, gastando dias e dias, no tempo de D. Pedro, depois de ter percorrido a Via Presidente Dutra a 100 quilômetros por hora.

Não. O historiador não pode ser um exilado da vida, relegado aos recantos sombrios dos arquivos, olímpicamente impassível à trepidação do mundo que o cerca. A ciência, o trato com o homem e sociedades extintas não o desumaniza. Se êle indaga do passado é porque está bem vivo no presente.

*Que faz o historiador?* Faz história. Mas que é história? Não se assustem que não vou perpetrar uma definição. Deus me livre das definições. Elas são tiranias do pensamento que nos limitam porque nos enquadram dentro de uma fôrma roubando-nos a liberdade de pensar.

Prefiro antes dizer o que a história não é. Ela não é o estudo do passado. Ilusão perigosa pensar-se que o seja. O passado não existe como objeto de estudo: é apenas uma posição do tempo. Êle é tempo e por isso escorregadio e irrepessível. Como vamos aprisionar o tempo? Pensemos por um instante no que é o tempo. Impossível apanhá-lo. E' por isso que para poder utilizar-se dêle, o homem é obrigado a especializá-lo, a medí-lo, referindo-o a alguma coisa que não é tempo, ao tomar como unidade o movimento dos astros. Movimento dos astros que evidentemente não é tempo, mas fato acontecido no tempo, fato que tem uma duração regular. Assim, acaba-se medindo qualquer coisa que é imensurá-

vel. Imobilizando-se mentalmente o que flui inexoravelmente, como se o tempo estivesse à espera, guardado para ser estudado.

Se o passado é sempre um instante do tempo, do tempo que já passou, como podemos cogitar de captar o passado? Se êle não re-flui? O tempo é apenas a atmosfera da história "o caldo de cultura em que se banham os fatos", diz Marc Bloch. Sem referência a êle, não se pode estudar história. A história não é porém o estudo do próprio tempo inabordável, mas dos fatos que aconteceram nele. Êle é o vestuário transparente e imaterial dos acontecimentos: só a estes podemos ver, mas sabemos que lá está o tempo. Essa roupagem que não se pode despir.

Quando estuda história, o indivíduo não pode sair de seu tempo a recolher os cristais dos fatos como se viajasse por outras épocas. Êle não pode evadir-se do seu tempo: a êle está atarrachado e dêle não pode escapar. Não pode ir ao passado como se vai a algum lugar: o passado é tempo que correu irreversivelmente e o historiador só chegou depois. Depois que o trem já tinha partido. Nem pode retirar do tempo que se escoou o que nele caiu. O que foi já se foi e não volta mais. Nunca mais. De geito algum. Só temos lembranças e as lembranças são episódios do presente. Os fatos enterrados no passado, êsses não retornam. Como poderíamos retirar dêsse poço sem fundo, sem caminho de volta, as figuras históricas afundadas em sua morte inalterável? Como fazer emergirem de novo Abelardo e Helcisa para virem nos confidenciar aquêle seu amor que já foi?

Se o historiador não pode sair do seu tempo, e se o tempo passado não vem devolver o que enguliu, é o presente que tem que oferecer os fatos outrora acontecidos. O historiador não pode resuscitar cadáveres. A história não há de ser um necrotério de duendes. O anatomista ao dissecar peças anatômicas não o faz para estudar a morte. O que êle procura é a vida. Também a história lida com defuntos. Para que? Para conhecer a morte, o passado? Não. A vida. E' para ela que o historiador tem sensibilidade. E' na vida que êle pensa, é o mistério da vida que persegue.

Ele quer compreender. Mas compreender o que? A vida dos fatos. Não está porém simplesmente a procura de fatos. Essa historiografia que se atém aos fatos é de uma história mal compreendida. Um objetivismo ingênuo.

Ranke dizia que o Historiador devia deixar falar os fatos e abster-se. Eis o que é impossível. Os fatos não falam nada; êles são mudos, mudos como os mortos. Lucien Febvre critica, e com razão, essa historiografia que pretende reunir fatos e mais fatos sem a participação da inteligência do historiador. Compara-a à

tarefa de quem recolhe uma porção de cubos de um jôgo de *puzzle* e procura arranjá-los para reconstituição dos quadros tão completos quanto possível. Esses fatos extraídos da documentação eventual, uma vez bem arrumados, coordenados direitinho, poderiam depois ganhar vida ao toque mágico do historiador.

Eis agora o que não é verdade. Eis o que faz supor um verdadeiro automatismo, como se, depois de dispor a montagem do aparelhamento dos fatos, se pudesse apartar um botão e movimentá-los, insuflando-lhes vida. Não se podem fazer voltar situações passadas. O que foi, foi uma vez apenas e nunca mais voltará a ser. O recontecer é impossível. “Amemos o que não se verá duas vezes”, exclama Vigny. E’ falsa, radicalmente falsa, a idéia de que os fatos históricos se repetem.

Mas, pensemos. O que o historiador apresenta não são fatos; são sombras de fatos. Eles chegam até nós aos pedaços em documentos casualmente preservados como testemunhas de que um dia aquilo aconteceu. O fato que caiu nas profundezas do passado está irremediavelmente perdido. O que se pesca na escuridão dos tempos não é que não pode ser exatamente o que aconteceu. E’ apenas, do que aconteceu efetivamente, aquêle resíduo que logrou chegar até nós. E’ nesse sentido que dizemos que não é o historiador que vai ao passado, são os dados do passado que veem a seu encontro no presente.

Eis uma situação paradoxal. O existido é o único que existe para o historiador. As ocorrências do presente estão mudando a cada instante e mudam tão depressa que não podem ser capturadas no próprio presente, em uma visão compreensiva. E’ preciso que sobre elas corra o tempo, que outros fatos aconteçam depois, para que as possamos compreender graças ao domínio do panorama. O que se vê é a mudança. O presente é o instante que passa. Só o que está no passado não muda mais. Não há o que possa mudar. Assim a morte de Carlos Magno. Carlos Magno morreu: eis uma verdade que nada pode alterar. Ele morreu, morreu mesmo. Esse fato passou a existir eternamente. E’ indestrutível como *tendo existido*.

A tortura do historiador é conseguir apanhar o que existe no passado: o que foi e por isso é. Precisa surpreender a sucessão. A mudança cristalizada. O que ficou guardado com num filme cinematográfico. O que foi mudança e não muda mais. Tem que enxergar a dinâmica do que está paralizado. Não se trata de recolher fatos para uma coleção. Isso não basta. Eles são para o historiador o objeto de seu pensamento: material de trabalho. Mas existe o pensamento do historiador, e é esse pensamento que vivifica os fatos. Narrá-los apenas é uma tarefa inconclusiva, como seria a do físico que se limitasse a descrever experiências, sem inferir nada de novo.

O historiador não pode trazer para o presente o fato tal e qual ocorreu. Sobre ele escorreu o tempo. O que traz é uma informação sobre o fato. E ao trazê-la não o faz para fechá-la numa redoma para a macumba da sua adoração.

O historiador só pode ver o fato através de si mesmo. Vê-lo hoje como homem do seu século, comparando-o com o tempo em que vive. Somos resultantes de todo o passado, mas só chegamos a ele, de volta, através da comparação. Em história a compreensão se faz por contraste. Somos um resíduo concentrado de experiências. O problema é descobrir o que foram os outros e o fazemos por confrontação. O que eles tiveram e nós não temos. O que temos e eles não tiveram. E, às vezes, o que eles tiveram e nós continuamos tendo. O historiador tem que refletir para descobrir. Os fatos não se oferecem inteiros nos documentos como supõem os cronistas. A visão total só a meditação pode oferecer. E' porisso que Febvre afirma que "a história não se ensina, compreende-se".

Chegamos, pois, ao homem do passado através de nós mesmos. Sem fatos não há história, mas sem o historiador os fatos não têm sentido. O historiador que é homem de certa época. Se o homem muda, com ele muda a história que tem história também. A atitude do historiador não é a daquele químico profissional que tem posinhos para misturar sem entrar na reação que promove. O historiador dá de si, participa da história que faz. E' através do que somos que chegamos aos homens que foram. Somos um homem a olhar os homens.

Ora, mudam o homem historiografado e o historiador, através do tempo. Se muda o objeto, se muda o agente que o procura, também muda a maneira de fazer história. A história é qualquer coisa de relativo: depende não só do historiador no qual se retrata, mas também do geito pelo qual é feita. Geito variável com o tempo. Os processos de pesquisa histórica, os expedientes técnicos para a caça dos fatos, bem como os modos de pensamento se aperfeiçoam. A historiografia de hoje dispõe de instrumentos de trabalho muito mais fecundos que a de ontem. O pesquisador moderno superou certas limitações que encontravam os de outrora. Assim, por exemplo, os recursos da arqueologia e da tecnologia permitem atualmente reescrever a história das origens de Roma muito diferente daquela que deixou Tito Lívio, que se louvara principalmente nas tradições sem o controle de dados mais objetivos.

Essa idéia de que o historiador e a metodologia variam com o tempo apresenta perigos tentadores para o espírito. Pode induzi-lo a uma atitude mental de angústia ou descrença. Essa idéia do relativismo das conclusões da história pode nos arrastar ao historicismo estreito, que por sua vez pode abrir caminho para a aridez do agnosticismo. Se o que estudamos é algo de fugidio, quase

inapreensível porque, com o tempo, mudam os indivíduos que estudam e os fatos a serem estudados, quando vamos encontrar a verdade? Ou a verdade é indevassável?

A vacina contra esse pessimismo: a crença na existência da verdade histórica e na possibilidade de uma contínua aproximação em relação a ela. Os progressos enormes da historiografia justificam essa confiança na acessibilidade desse objetivo. Podemos buscar a verdade histórica e alcançar uma intimidade cada vez maior. E a garantia da obtenção desse desiderato é o método. Graças ao aperfeiçoamento de suas técnicas, podemos nos achar cada vez mais à verdade. Há uma dinâmica de aproximação, um estreitamento progressivo do círculo.

Se a garantia é o método, se a possibilidade de aumento de sua eficácia é que tranquiliza o espírito, claro está que sua pureza é fiadora da credibilidade dos resultados.

*Como faz o historiador?* Não se podem receitar processos categóricos de pesquisa histórica. A maneira de operar do historiador está na dependência de sua inspiração. Para a investigação histórica não se preceituam passos formais que na realidade não serão observados por ninguém. O trabalho do historiador prende-se a mil circunstâncias, muitas das quais inteiramente ocasionais e não cabem dentro de fórmulas.

A história é qualquer coisa que se procura compreender, temos dito. Dada a realidade documentada, o historiador tem que penetrar nela. Não é um mero expectador: essa penetração, esse "insight" se processa através da realidade humana que ele é. Não é um simples inventariante de fatos, como um artista não é um manipulador de tintas. O que aconteceu não é a história: ela reclama bem mais que a submissa narração dos episódios ocorridos. Ninguém reduziria um mineralogista a um simples colecionador de pedras. Ele precisa visualizar essas pedras para além da simples materialidade delas.

O historiador tem que saber o como e o porquê dos acontecimentos. Para a descoberta desse como e desse porquê, não se pode prescrever um método com etapas necessárias, obrigatórias, para a inteligência que reivindica a liberdade de buscar o seu objetivo pelos meios de sua escolha, ou pelos imperativos do jogo dos recursos acessíveis.

E' ilusão supor-se que o pesquisador está disponível para sair à procura dos fatos e que esses fatos bastam para saciar sua indagação. Na verdade esses fatos são apenas o trampolim para ele saltar nas águas enormes da compreensão. Ele não sai em busca de quaisquer fatos encontrados ao sabor do acaso. Ele sabe de antemão o que vai procurar. Mas como pode saber previamente o que vai procurar, se ainda não achou? Como pôde ficar sabendo que existe aquilo que persegue?

Leva o historiador uma explicação e perquire fatos que confirmem ou infirmem sua tese apriorística. Como chegou a essa explicação antecipada — hipótese — que tem fome de fatos para sobreviver? Não foi colecionando acontecimentos. Foi explorando as conquistas de seus predecessores, insinuando-se na intimidade dos fatos, confrontando-os com suas experiências atuais, que ele entreviu a brecha explicativa capaz de acomodar a inquietação de suas perplexidades. Ao voltar de sua procura, ou ele encontrou o que procurava e comprovou suas idéias, ou vem de mãos vazias e tem que atirar fora as belas idéias que levava ao partir.

Costumava-se recomendar certos passos regimentais para a pesquisa histórica: primeiro, descobre-se o documento, depois critica-se o documento, apuram-se os fatos, e finalmente coordenam-se êsses fatos recenseados na documentação. Esta era a lição de Langlois-Seignobos, esta é ainda a receita de historiadores como Louis Halphen.

Eis o que o historiador não faz. Quando sai a cata de documentos — veículos de fatos, ele já leva as idéias às quais êsses fatos vem amparar. Se fatos e idéias não combinam, ou o historiador abandona suas hipóteses ante o desmentido da realidade, ou trata de averiguar melhor as informações, ou ainda persiste no levantamento de nova documentação. Do contrário, estaria o historiador escravizado aos caprichos do acaso. Do achamento casual dos documentos. Porque o tempo não preserva intencional e ordenadamente os documentos num fichário disciplinado, à disposição da posteridade. É por acaso que êles subsistem. Na massa dos documentos que logram escapar à lição destruidora do tempo, é a inteligência do historiador que escolhe o que convém ao seu esforço de compreensão.

Ele não ajunta tudo o que encontra. Seleciona. Escolhe. Tem obrigação de escolher. Seria erro supor-se que todos os fatos devidamente apurados servem. Servem sim para a reserva dos historiadores. Mas o historiador no trabalho, escolhe apenas as cartas com as quais faz jôgo — isto é, comprova seu pensamento.

Nessa escolha, é imparcial? A imparcialidade vem sendo recomendada como excelente virtude científica. E' pena, mas ela é um mito. Ou, para outros, um ideal. Não há imparcialidade porque em face do homem não sabemos ser imparciais. Mesmo com a mais santa das intenções, o historiador é sempre parcial. Imparcialidade aqui no sentido de neutralidade. Isso porque estamos condenados a uma posição e é dessa posição que focalizamos os acontecimentos que se nos oferecem. Um historiador burguês só pode apresentar os fatos como um burguês os vê. Mesmo que procure deliberada e heróicamente se imunizar contra o vírus do burguesismo de sua condição. Um historiador alemão ao apreciar a



Grande Guerra, só pode vê-la com olhos germânicos, com sua mentalidade de alemão, com sua sensibilidade de alemão.

De fato, há em nós limitações quando se trata de enfocar os acontecimentos. Decorrem elas da nossa condição humana, de nosso enquadramento social, de nossos compromissos mentais. Conscientes ou inconscientes. Estamos presos a êles e não podemos nos despersonalizar. Atirar a carga de nossas vivências para sermos de novo filmes virgens. Só vemos através do que somos. O que se pode pedir portanto ao historiador como atitude metodológica não é uma imparcialidade inexequível, mas honestidade, sinceridade, identificação. Apresentação dos fatos e idéias realmente sentidos, sem deformações intencionais para ajustamento às conveniências de idéias parasitas que não são dirigidas em busca da verdade. Mente limpa é o que se pede. E' nesse sentido que a "história vale o que vale o historiador" como diz Marrou na "Révue de Métaphysique et de Morale".

Costuma-se repetir: "pas de documents, pas d'histoire". Sem documentos não há história. Entendamos isso. A história não se contém toda nos documentos — câmara frigorífica de acontecimentos. Não é uma colcha de retalhos pela suturação de documentos. Uma atualização dêles. Uma ordenação de fatos. "Pas de documents, pas d'histoire". Certo. Mas também, a história não é igual à soma de documentos. Isso porque há o espírito do historiador para o qual as informações documentais são apenas matéria prima a ser elaborada. Recolhemos os fatos e procuramos compreendê-los. Na compreensão reside a história. Leia-se George Simmel. Compreensão que é a faísca que resulta do contacto entre o historiador e os fatos. Que fatos? Os que êle percebe. Bem pode ter diante de si uma porção dêles bem apurados sem, no entanto, os perceber. Assim como podemos ouvir uma multidão de palavras sem as entender, porque não conseguimos penetrar na intenção de quem nos fala, para apreendermos o pensamento. Só compreendemos quando nos insinuamos no sentido dos fatos.

O historiador não faz relatórios — alinhar pelotões de fatos não é história. E' imprescindível explicar êsses fatos e só pode explicar quem compreendeu para além da objetividade do puro acontecimento.

Também não se suponha que compreender os fatos é apenas pilhar-lhes as origens. Insurgia-se Marc Bloch contra êsse ídolo de certos historiadores: descoberta a origem está explicado o fato. Bernheim apontava para o que chamava a história genética como o coroamento do desenvolvimento da historicografia. Essa história genética, porém, não satisfaz à necessidade de compreensão. Um fato resulta de uma convergência de circunstâncias, de variáveis. Dizer que provém de tal ou qual fonte não é explicá-lo. O inventário total das variáveis é ainda tarefa irrealizável no estado atual da ciência.

Esta consideração nos leva ao problema crucial da causalidade histórica. Encarêmo-lo um instante. Em história há causas? Há muita gente que acredita que fatos históricos têm causa. A palavra é perigosa, multívoca, e aqui é tomada como nas ciências naturais. Respeito os que creem na causalidade histórica, principalmente porque essa maneira de pensar pode ser fecunda. Respeito mas não concordo. A idéia de causa implica num determinismo que a história refuga. O fato histórico não tem causa: ocorre em certas condições que são operantes em conjunto, mas não determinantes. Está claro que esta afirmação implica em rebelião contra o determinismo histórico. Contra o esquematismo causa-efeito.

Há uma série de condições, controláveis ou incontroláveis que em dado momento coincidem, possibilitando a ocorrência de certo acontecimento: Não se trata de causas no sentido de motor eficiente. Há circunstâncias que se combinam e o fato emerge. Sendo assim, em face das probabilidades de variação das combinações serem infinitas sentimos mesmo a tentação de falar em termos de função: num complexo de relações, a variação de um dos elementos implica na alteração do conjunto. Esses elementos na história são miríades e muitos puramente contingentes. Eis porque se estreitam as possibilidades de generalização no campo da historiografia, contentando-se o historiador em trabalhar sempre com fatos singulares.

Em história, um fato não determina outro. Uma porção de condições concorrem na emersão do acontecimento. O historiador tem que dar o balanço possível desse conjunto de condições e armar complexos explicativos.

E' preciso que o historiador condense o fato dentro de si mesmo. Que, mercê das experiências que tem, represente em si as experiências do passado. Representações que transitaram de outrem e se aninharam dentro dêle. Aquilo que Dilthey chamou vivência.

Aquêlê que não é capaz de arrancar o fato da realidade do passado e aconchegá-lo a si, plantá-lo em sua inteligência e em sua sensibilidade não deve querer ser historiador.

Inútil ao historiador procurar a causa, a determinação, porque não a encontrará e acabará por impingir uma condição que sozinho não explica, como sendo a poderosa causa responsável pela ocorrência do fato estudado. Dado o fato, o historiador tem que abrigá-lo em si mesmo. E para atingí-lo no seu sentido real tem que apelar para a imaginação. Não há verdadeiro historiador onde está ausente a imaginação. Notai bem: imaginação não é ficção, não é fantasia. Não tem o historiador o direito de criar livremente. Há de se ater aos dados da realidade.

O historiador não é porém, um fotógrafo apático a registrar fatos acontecidos, imparcial e objetivo. Esse realismo ingênuo que manda recolher fatos e mais fatos com uma frialdade polar não realiza o historiador. Historiadores foram Michelet ou Fustel de

Coulanges. Menos românticos e melhor documentados reclamá-riamos hoje. Em sua obra reponta não apenas o calor de um sôpro de vida, mas a busca de uma compreensão humana e profunda das coisas que estudaram. Podemos exigir maior precisão científica, menor ardor literário, maior discrição em face das lacunas documentais — dêsses angustiantes silêncios do passado —, mas o espírito dêsses homens lhes permitia uma integração e uma participação que sabemos indispensáveis aos verdadeiros historiadores. Historiador foi Henri Pirenne que jamais se contentou em coser informações arquivais como um escrivão consciencioso, mas teve sempre a orientá-lo na pesquisa, idéias que o introduziam à compreensão dos fatos.

O momento crítico do método é o instante da compreensão, quando o historiador salta da realidade presente que é para se transportar com a carga de suas experiências atuais e com seu espírito crítico para o espetáculo do passado. “A verdade histórica não é mera reprodução, mas uma atividade espiritual”, observa ainda George Simmel. “O naturalismo psicológico pretendeu transformar o conhecimento em um reflexo da realidade”. Não me arrisco a entrar nesse terreno perigoso da teoria do conhecimento: tenho medo das teorias. Mas a história não é apenas reflexo da realidade. É, certo, uma reconstrução pela utilização dos traços deixados pelos fatos ao acontecerem. Mas quem reconstrói é o historiador e êle não é mero catalizador. O cimento que une os fragmentos e lhes dá coesão e sentido êle não encontra nos documentos.

Realidade histórica e verdade histórica não são a mesma coisa. História-fatos e história-ciência não coincidem. Há uma refração nessa realidade que é o historiador interposto entre elas. A história-ciência é a realidade vista através das lentes dos olhos do historiador. E' nesse sentido que afirma Febvre: “Não há história, há historiadores”. Cada um põe na história que escreve um pouco de si mesmo. Compreende os fatos como pode compreendê-los. Até o mais abstêmio dos cronistas. Até mesmo uma cronologia incolor, porque há sempre um critério para escolha dos fatos a serem datados.

Pensemos num exemplo. A historiografia da Revolução Francesa. Se a história apenas se contenta em reproduzir os fatos que estuda, tôdas as histórias da Revolução Francesa deveriam ser iguais porque os fatos seriam sempre os mesmos, com pequenas diferenças de pormenores, conforme a utilização dêstes ou daqueles documentos, em maior ou menor número. Serão iguais as histórias da Revolução, de Thiers, Jaurés, Sorel, Madelin, Mathiez, Bukarin, Daniel Guérin? A Revolução Francesa gorda de banha burguesa em Thiers? Ou com a gordura acadêmica em Madelin? Com Jaurés ou Mathiez, socialistas, ela já emagrece e se apresenta enxuta e bem proporcionada. Mas com Bukarin ou Guérin a dieta marxista é tal que ela fica esquelética para se proletarizar. Lamar-

tine, bom burguês agitado de 1848 se descabelava românticamente ante o holocausto dos girondinos que para êle eram a natal revolução. Aqueles belos liberalões romanizantes. Para um marxista, o centro de gravidade revolucionário se desloca para a esquerda da Montanha, para Marat, para Hébert. Todos êsses historiadores consultavam documentos, quase os mesmos documentos, e queriam honestamente encontrar a verdadeira Revolução Francesa, mas, as revoluções que nos apresentam são tão diferentes que, não fôsem as mesmas datas e nomes, nós perguntaríamos se trata da mesma revolução. Foi a realidade que se refratou em historiadores de mentalidades diferentes. Mudou o vidro, o panorama teve que mudar também.

Eis que agora tropeçamos com um susto ou um desalento. Não podemos então abordar a realidade, a realidade purificada de qualquer contágio interpretativo? O esforço de compreensão será êle deformante?

O que se requer do historiador, já o dissemos, é honestidade. Intenção limpa de encontrar a verdade. Cada nova pesquisa, cada nova compreensão deve ser um avanço na direção da verdade. Esta é a convicção que nos anima a retomar velhos e explorados temas. Nenhum estudo é definitivo porque a renovação contínua da mentalidade do historiador e de seus recursos de pesquisa impõe contínua revisão das aquisições anteriores.

Mas então, objetarão os mais impacientes, a história não é ciência! Que objetividade lhe fica se está na dependência da acuidade dos historiadores? Então lhe falta o caráter de universalidade que faz a ciência!

Na realidade, o historiador não faz muita questão da etiqueta de ciência para a história. Êle sabe que está sinceramente empenhado na busca da verdade e que progride em sua direção. Isso lhe basta. Não o interessa empenhar-se em defender a cientificidade da história como se fôsse uma questão de honra para um duelo de teorias.

Ademais, quem garante que as aristocráticas ciências experimentais sejam mais eficientes? Que independam do cientista e dos recursos técnicos de pesquisa? Que não mudem com o tempo? Que não vivam a renegar conclusões aparentemente definitivas, a substituir teorias por teorias novas? Antes de Pasteur não havia biólogos? A realidade biológica era a mesma sempre, e como a viam antes de Pasteur e depois? De fato, um cientista ao procurar avançar na compreensão da realidade enxerga mais realidade, se se pode dizer assim, que outro. Uns não enxergavam micróbios; outros puderam vê-los, e cada vez melhor. Cientistas todos. A compreensão da realidade se alarga progressivamente. Assim também o historiador que vem depois, com maiores experiências e melhor instrumental técnico, enxerga mais que o antecessor. Embora haja lugar para retrocessos, é claro.

Aproximação constante não quer dizer posse da verdade. Coleta de fatos ao máximo não quer dizer posse da realidade. Nem a posse dos fatos quer dizer domínio da verdade — é preciso passar pela compreensão e isto é esforço do homem que parte da realidade dada à sua inteligência.

Tem razão Tcynbee. O quadro completo da história só Deus pode ver. Nós temos que nos contentar com alguns disparos na escuridão. Completemos: cada centelha desses disparos nos ilumina o caminho para um passo adiante. Isso é verdade em história como o é para outras ciências. Estão os historiadores na mesma posição que os demais cientistas. São homens que procuram, utilizando-se da experiência dos que os antecederam. Não usam os mesmos métodos, nem precisam copiar técnicas de outras ciências. Se negam à história o estatuto de ciência porque ela tem a audácia de não pretender generalizações que permitam previsões, nem por isso o historiador deixará de procurar a verdade. A verdade que se contém nos fatos singulares. Se eu dissesse agora que em toda a generalização se contém forte dose de deformação, de escamoteamento da realidade que é sempre singular, seria obrigado a caminhar mais algumas léguas de pensamento num terreno espinhoso e meu fôlego poderia faltar.

A história como toda a ciência é um reflexo de seu tempo. Do seu tempo onde se inclui, diga-se de passagem, todo um contingente de passado. E' o homem vendo o homem. Vendo-o para compreendê-lo. E o homem que está vendo — o historiador — muda como mudou o homem a ser visto — o homem da história. Não se trata porém do homem esquematizado das psicologias analíticas, despeçado, pela necessidade de generalizar, em padrões de conduta: reflexos, instintos, emoções, reações inteligentes, consciente, subconsciente e não sei mais quê. O psicólogo junta todos êsses ingredientes e diz: eis o homem. Que homem, santo Deus? Esse homem com um pouco de cada tipo de reação não existe! E' um mito de laboratório: um fantasma científico. Esse feixe de reações estandarizadas.

O historiador tem diante de si um homem de fato: Dante Alighieri. Quer conhecê-lo através de traços por êle deixados ao tempo em que vivia. A existência pretérita de Dante é algo de concreto. Para compreendê-lo é que vamos pedir à psicologia algumas idéias. E a psicologia diferencial tem muito que nos dar. Do seu fantasma teórico tiramos elementos para vê-lo na modalidade real que é Dante.

Pensemos na sociologia. Esta ciência está numa situação difícil: chegou atrasada. E procura pilhar um pouco de cada vizinho para garantir seu lugar ao sol. Precisa de patrimônio para poder viver. A propósito, lembro-me de um filme de Walt Disney que certamente toda a gente viu: "A ilha das Focas". Na estação propícia dirigem-se para essa ilha do mar de Behring as focas

para a procriação. Os machos chegam primeiro e se apossam de sectores perto das praias onde vão surgir as fêmeas um mês depois. Dêsse pedaço de terra onde vão armar o seu harém — êles são polígamos — não saem, e o defendem a qualquer preço. Ai de quem chegar atrasado: não consegue um recanto e portanto não pode agrupar espôsas. E' essa a situação dos sociólogos: precisam tomar as focas dos outros. São os fatos sociais. Estas focas são minhas! diz o historiador. São históricos os fatos sociais. Isso não é imperialismo, é direito de prioridade. Mas, dirão os sociólogos, vocês estudam o particular, individualizado no tempo, e nós estudamos o geral. Assim vocês estudam a Revolução Inglêsa de 1648 de Cromwell, a Revolução Francesa de 1789; a Revolução Constitucionalista de 1932, e nós estudamos o fenómeno revolução. Sinto muito, adverte o historiador, mas esta foca também não é sua: sem o particular não há o geral. Você está no meu harém. Além de que, eliminadas as peculiaridades de tempo, o seu fato social se esvazia de realidade! Mas cheguemos a um acôrdo porque a etiqueta importa pouco. Você se interessa pelo conhecimento do homem, eu também. Estudemos. O que vale é o resultado: se for bom está bem, troquemos informações. Nem me diga que o sociólogo estuda o presente e o historiador o passado, porque então o sociólogo estará totalmente despojado: o seu presente de hoje será amanhã passado, e portanto meu.

Se o historiador se instalar como um sultão do tempo, então ninguém mais conseguirá lugar na ilha. Tudo acontece no tempo e tudo evolui. O geógrafo que procura atualmente estudar a evolução das paisagens para poder explicá-las teria de ser despojado, pois essa foca também seria do historiador. Mas não pretende a história exclusivismo algum: sabemos que as divisões das ciências do homem são puramente convencionais e por isso não há fronteiras. Também visitamos harens alheios...

O historiador porém tem limites. Ele procura ver o homem, o homem por inteiro, tudo o que pode ver a respeito do homem. O homem tal como se pode ver. Mas entre o passado e o presente não há barreiras, observava Herder. Onde o limite entre o atual e o inatual, procurava Bloch. Entre o homem do passado e o homem do presente? A história organiza o passado em função do presente. E o presente não se ausenta nunca porque está no historiador. Do seu valor moral depende a credibilidade dos resultados. Nem juiz, nem veículo de fatos desenterrados. Humano, para poder compreender a humanidade. Ele é de um tempo e tem as ideologias de seu tempo... Inútil tentar desvestir-se delas. A nudez da imparcialidade, essa glacialidade em face da realidade humana é uma ilusão. Não podemos ser frios em face do homem, de suas ações. E o homem é o manjar do historiador. Ele é como o ôgre da lenda, observa Marc Bloch, onde cheira a carne humana: êle está em seu domínio. O historiador é um limite para sí mesmo

e o homem que êle vai estudar, mascara-o o tempo. Nem se supunha possível ao historiador fugir para o passado, para uma Ucrônia qualquer, para substituir a mentalidade que tem de seu tempo, por outra de outros tempos. Essa despersonalização que os grandes artistas procuram realizar durante suas grandes peças fingindo ser a personagem que vão representar é inexequível. Seria isso mesmo: fingimento. Estamos material e mentalmente condenados a ser de nosso tempo.

*Para que faz o historiador:* Um último problema e já é tempo de chegarmos ao último. Para que o historiador estuda história?

Para armazenar experiências úteis de gerações passadas? Úteis para se viver melhor o presente? Mas, senhores, a psicologia ensina que não há transferências de treino quando variam as condições de reação. O aprendizado é específico. Se as condições mudam temos que fabricar uma conduta adequada a elas, diferente portanto.

As condições históricas não se repetem — há sempre algo de diferente na situação. Esse algo de novo impede a convocação de um procedimento que foi eficaz em outros tempos e que pode ser desastroso agora. Dos fatos passados não podemos extrair receitas. A doença é outra, outra há de ser a terapêutica. As experiências do passado não servem necessariamente para o presente. Serviriam se se reeditassem as mesmas circunstâncias; mas isso não se dá. “A história não pretende colecionar precedentes.” Napoleão vencedor na guerra pôde conservar o poder, Churchill igualmente vencedor perdeu-o.

A historiografia do século XVII procurava recolher na Bíblia ou na História Antiga argumentos para justificar a sabedoria da conduta do momento. Quanta ilusão! O que serviu para o passado não serve mais. A guerra defensiva que salvou a França na conflagração de 1914, perdeu-a com a mentalidade da linha Maginot em 1940. “A única lição que pretende dar a história é que não há lições de história” (Febvre). Platão ensinando nos jardins de Academus criou uma grande filosofia e discípulos como Aristóteles. Portanto ensinemos no jardim da Praça da República! A garoa e barulho do tráfico se incumbirão de demonstrar que a experiência grega é inaplicável a São Paulo no século XX. E se a experiência histórica prevenisse o erro, a lembrança da catástrofe napoleônica de 1812 teria evitado o desastre de von Paulus em Estalingrado na última guerra.

Teria a história uma função catártica de libertar a sociedade de seus complexos? De aliviá-la da carga do passado? Uma espécie de psicoanálise coletiva? Uma terapêutica da angústia? Idéia que reponta em Goethe, anunciada entre nós por Honório Rodrigues. Mas que é isso de carga do passado? Se êle é onipresente. Se é com êle que se sustenta o presente? Seria tirar o esqueleto

para o corpo ficar de pé. Ou o que se pretende é reduzir o mistério? A eliminação do mistério não seria exatamente a estagnação, a negação mesmo da história? Não. A história não é uma ciência suicida. Não pretende funções de higiene social.

Mas afinal para que serve a história? Alguns pensadores têm dito o diabo da história, denunciando os danos que causa às consciências. Nietzsche. Valéry. Em vez de ruminar o passado, melhor fôra projetar-se no futuro. Essa gente porém critica outra história: estreita, feita de erudição indigesta, de parcialismos doutrinários, de crônicas militares ou palacianas, de obsessões políticas, de preconceitos de toda a espécie a serviço de uma classe ou de um indivíduo. Essa história não se usa mais. Ainda existe, mas está positivamente condenada porque já prestou os seus serviços. Da história tal como a entendemos hoje — a procura do homem — eles não falaria mal.

*Utilidade da história.* Mas por que a história tem que ser útil? Por que escravizar a história buscando finalidade fora da história? Para que servem a poesia, a sabedoria, o amor? Servem apenas, para a poesia, para a sabedoria, para o amor. Não têm outras finalidades fora deles mesmos. Por que a poesia há de servir para alguma coisa? Pode, é claro, servir até para preparar a revolução social, mas isso é um fim que se adiciona artificialmente, não está na poesia. Ela persiste independentemente de qualquer finalidade exterior.

Por que a história há de ser útil? Receituário. Por ventura um operário ou um engenheiro naval de um estaleiro moderno precisa conhecer a caravela dos tempos de D. Henrique, o Navegador, para construir um encouraçado? Esse utilitarismo contemporâneo ronda a história mas não consegue afetá-la. Como ronda inútilmente as artes.

A história se contenta em procurar conhecer o homem. Para que? Para conhecer o homem. Por que há de ser para outra coisa? O homem do presente pelo do passado, e do passado pelo do presente. O homem enfim. Não é para torná-lo mais ativo ou mais eficiente. Não pretende nada disso. Não se trata de conhecer para. O conhecimento pode ser um fim — não há de ser bagagem para outra coisa. O que o historiador quer é compreender.

Agora, a história pode ter finalidades úteis. Mas isso está fora da história. Pode ilustrar a eloquência, informar a administração, elucidar as práticas da vida econômica, prevenir as atividades políticas, etc., etc..

A gênese desse reclamo de utilidade para a historiografia poderíamos encontrar no naturalismo e no que chamaríamos o logicismo exacerbado. O naturalismo contra o qual se insurge Ortega y Gasset pretendeu envolver o homem no fatalismo científico, mecanizando-o com leis que em última análise diriam que êle é fa-



bricado pelo meio. Esse homem rebelde ao estreito causalismo científico-generalizador caracterizado pelos autômatos desanimizados da psicologia behaviorista. Esse objetivismo do homem-coisa, cuja conduta pode ser prevista porque enquadrada em leis imutáveis. A previsão seria útil. O que faz a história é apenas desmentir esse mecanicismo. O homem é homem e não um boneco de laboratório.

O logicismo por sua vez entendeu com os artifícios da lógica, tendo por base a mecânica da generalização, arranjar a realidade, comprimí-la em identidades formais e classificações para descoberta de relações. Acomodar a realidade à inteligência. Essa desfiguração do homem que é um traquinas e não é soldado de chumbo, faz sorrir a história. A história é uma vacina contra a automatização do homem. Nada de reações químicas em série.

A conduta do homem que recebe, em épocas diferentes, as mais variadas influências refoge às leis mecânicas. Contido embora em sua liberdade pelos imperativos do meio, êle é livre. Sòzinho ou em sociedade. Nessa área de movimentação êle é rebelde. O que a história quer é compreendê-lo assim, na plenitude de sua vida singular e desconcertante. Quanto mais se aproxima dessa compreensão mais a história é história. Esse esforço de compreensão justifica por si mesmo os trabalhos e os sacrifícios dos historiadores ajudando a construir a sabedoria do homem. Do homem que há de começar, ou terminar, por se conhecer a si mesmo.

**EDUARDO D'OLIVEIRA FRANÇA**

Professor da Cadeira de História da Civilização  
Moderna e Contemporânea. (U.S.P.)